

A AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO NA CONSTRUÇÃO DO SER E SABER

Elaine Cristina da Cunha – EEEFM Severiano Pedro do Nascimento /Puxinanã (PB)

elainizinhacc@gmail.com

INTRODUÇÃO

Tornou-se uma constante ouvir dizer, no âmbito escolar, e até extraescolar, que os jovens não querem mais nada com os estudos e mesmo com a vida ou que estão desinteressados. Esse pensamento também se revela como desanimador para o professor que passa a acreditar em tal afirmação, acarretando em desânimo e monotonia da prática de ensino, que se resume basicamente a aulas expositivas. Nesse círculo vicioso, o aluno cada vez mais se distancia do professor, e vice-versa, e consecutivamente deixa de participar das aulas, interrompendo-as das mais diversas formas, deixando, pois, de cumprir com suas obrigações e de fazer as atividades que lhe são exigidas, apresentando baixos índices de aprendizagem.

Desse modo, ao olharmos para a realidade que hoje nos cerca, notamos que muitas das dificuldades e desafios sociais, por que não humanos, afetam diretamente a escola e, mais especificamente a sala de aula. No entanto, a escola também tem enfrentado dificuldades em acompanhar as constantes mudanças por que passa a sociedade, especialmente por ela não ter alcançado ainda condições mais eficientes de atuação.

Nesse contexto, definir o ser professor também não é uma tarefa fácil, uma vez que este também se constitui como sujeito e encontra-se diante das novas urgências e exigências emergentes da vida social contemporânea.

Para isso, apresentam-se neste trabalho as contribuições teóricas da pesquisa feitas a partir de estudos referenciais de Freud, Lacan, Piaget, entre outros, sobre aprendizagem e afetividade e a influência desta nas relações sociais, a fim de observar o processo de construção do conhecimento e aprendizado do aluno, bem como a importância das relações sociais e afetivas no contexto da aprendizagem e o papel do professor como mediador nesse processo.

METODOLOGIA

Baseia-se numa pesquisa de natureza bibliográfica, cujo foco se apoia no conhecimento das contribuições científicas sobre determinado assunto, utilizando-se do modelo qualitativo, relevante para a construção de um possível significado, uma vez que este é passível de interpretação.

Além dos referenciais teóricos, foram consultados ainda, como referenciais para se refletir sobre as práticas pedagógicas, os filmes: “Escritores da liberdade”, de Richard LaGravenese, “Ao mestre com carinho”, dirigido por James Clavell e “Sociedade dos poetas mortos”, de Peter Weir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a perspectiva psicanalítica, a aprendizagem está diretamente relacionada à noção de prazer e inibição. Com isso Freud revelou o quanto as relações afetivas são importantes na constituição do dinamismo psíquico do indivíduo. E é por isso que a educação necessita de abrir espaço para o aluno se situar diante do saber demarcando seu espaço, criando seu estilo para lidar com o que aprende, contrariando assim, a lógica dos programas rígidos que procura ensinar a todos da mesma maneira.

Para a Psicanálise, afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos e acompanhados da impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza (ANDRADE, 2007); afeto, é um conceito ligado ao de pulsão, é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações. Ainda segundo Coll (2004 *apud* ANDRADE, op. cit), os sentimentos, as emoções e os desejos correspondem à afetividade, que dá sustentação às ações do sujeito. De acordo com Lacan, o ato de querer está vinculado à Consciência, enquanto o desejo remete à ordem pulsional, que constitui o sujeito do Inconsciente. Ele situa o desejo entre a necessidade e a demanda, e sua inscrição se dá no registro de uma relação simbólica com o Outro. Daí a fórmula lacaniana dizer que o desejo é sempre o desejo do Outro. Já para Piaget, a afetividade intervém nas operações da inteligência, cumprindo o papel de fonte de energia para o funcionamento da mesma, mas não pode modificar as suas estruturas.

Alves (2012), inserindo a questão da dificuldade de aprendizagem, diz que a economia pragmática e libidinal do corpo só retêm os conceitos que funcionam como extensões de si mesmo ou que tenham função lúdica e prazerosa, pois o que é imediatamente experimentado não precisa ser ensinado nem repetido para ser memorizado. Por isso, afirma que quanto mais distante da experiência do aprendiz estiver o conteúdo, maiores e mais complicadas serão as mediações verbais, uma vez que as palavras são extensões do corpo que fala e sobre as quais os membros se apoiam.

Em geral, a aprendizagem dos alunos também pode ser motivada ou não pelo crédito dado pelo professor a cada um. Não se trata de responsabilizar apenas o professor pelo sucesso ou fracasso do aluno, pois a educação não se limita somente à prática ou metodologia do professor, mas também às demais relações sociais que viveu anteriormente, principalmente as parentais e as dos primeiros anos de vida do indivíduo, que o formaram enquanto sujeito emocional. Esse conjunto de experiências contribui na construção da autoestima e interfere quanto ao caráter do sujeito.

O professor precisa estabelecer uma relação afetiva com os alunos e perceber que seus alunos também têm algo a oferecer e que a aprendizagem se faz exatamente por intermédio das interações que são estabelecidas. Por meio de suas atitudes, o professor oferece várias informações ao aluno que irão contribuir na formação de seu autoconceito. Para tanto, o professor como mediador do processo deve ajudar os alunos a construir aprendizagens significativas e, para tal, precisa atribuir um sentido pessoal e humano à aprendizagem para que os alunos compreendam não apenas o que têm de fazer, mas também por que e para quê.

Os elementos comportamentais do professor que se correlacionam com os resultados de aprendizagem dos alunos, são a quantidade e o ritmo do ensino, a forma como apresenta sua informação, as perguntas aos alunos, a reação às respostas destes e a organização do trabalho individual dos alunos na sala de aula e em casa (BROPHY e GOOD, 1986 *apud* ANDRADE, 2007).

Kupfer (1989 *apud* ALMEIDA, 1993), descreve a relação transferencial e diz que o professor bem como o analista, colhidos pela transferência, não são exteriores ao inconsciente do sujeito, mas o que quer que digam será escutado a partir desse lugar em que estão colocados. Ou ainda: que esta se produz quando o desejo de saber do aluno se apega a um elemento particular, que é a pessoa do professor.

Dentre algumas medidas cabíveis a uma melhor aprendizagem estão: colocar problemas ou interrogações; despertar a curiosidade dos alunos, mostrando a relevância que pode ter para os mesmos a realização da tarefa; e proporcionar atividades desafiadoras.

Quanto à individualidade, convém conhecer o aluno e sua história, de modo que o professor torne-se mais próximo dele, saiba de seus interesses e sonhos para, a partir daí, preparar aulas mais atrativas e significativas que atenderão às necessidades e interesses da turma, sem deixar de valorizar e estimular a autoestima, uma vez que ela, quando elevada, facilita o aprendizado. Assim, a orientação educacional inclui estímulos socioafetivos que favorecem o desenvolvimento do autoconhecimento, da identidade pessoal e com ela a elevação da autoestima, motivando projetos de estudo e de vida.

CONCLUSÃO

Observou-se que somente a teoria e o método não alcançam grandes proporções ou resultados satisfatórios no ensino se não se levar em consideração o sujeito e a sua história e a importância da afetividade nesse processo de construção do ser e saber.

Do mesmo modo, contribui-se de forma positiva e otimista com uma reflexão sobre os elementos que são considerados essenciais para melhorar o aprendizado e relação professor-aluno no âmbito escolar, sobretudo em sala, espaço em que se geram novos conhecimentos e vivências que podem ser boas ou ruins, a depender do comportamento e posição tanto do aluno quanto do professor.

Uma interação mais afetiva entre professor e aluno leva o aluno a uma maior participação em sala de aula, assim como o faz refletir sobre sua personalidade e atuação no meio em que vive, sobretudo quando os conteúdos estudados em sala de aula passam a ter um valor significativo.

Por fim, traz uma contribuição essencial para se pensar essa questão e auxiliar na prática pedagógica do professor, não esquecendo de que ele é o principal colaborador nessa iniciativa, competindo-lhe despertar no aluno o prazer pelo saber.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender**. In: Temas em Psicologia, n. 1, 1993.

ALVES, Rubem. **Conversa com quem gosta de ensinar: (+ qualidade total da educação)**. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ANDRADE, Agivanda Soares de. **A influência da afetividade na aprendizagem**. Brasília – DF, 2007.